



GT 08. Antropologia das Emoções

Coordenador(es):

Maria Claudia Pereira Coelho (UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Raphael Bispo dos Santos (UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora)

Sessão 1

Debatedor/a: Eduardo Moura Oliveira (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Sessão 2

Debatedor/a: Monalisa Dias de Siqueira (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Sessão 3

Debatedor/a: Ceres Gomes Víctora (UFRGS)

O objetivo deste grupo de trabalho é reunir pesquisas que tenham como foco analítico a compreensão da maneira como as dimensões emocionais integram a vida social e dão sentido às experiências dos sujeitos. As pesquisas em Antropologia das Emoções se consolidaram no Brasil nas últimas duas décadas - a partir de perspectivas de campo variadas e com linhas teóricas específicas -, problematizando oposições centrais no pensamento antropológico, tais como indivíduo versus sociedade, natureza versus cultura, micro versus macro, mente versus corpo, privado versus público, interno versus interno, entre outras. Esse grupo de trabalho elege três focos principais do debate sobre emoções: a) sua capacidade micropolítica; b) a dimensão moral da vida emocional; e c) a relação entre emoções e temporalidade. As principais temáticas a serem contempladas são: a) emoções, gênero e sexualidade; b) emoções e religiosidades; c) emoções, geração e curso da vida; d) emoções e política; e) emoções e movimentos sociais; f) emoções e discursos/práticas profissionais; g) emoções, consumo e lazer.

As emoções na construção de um objeto sociotécnico: o caso da Profilaxia Pré-exposição ao HIV

Autoria: Mauro Brigeiro (IOC-Fiocruz), Simone Monteiro (IOC/Fiocruz) monteiro.simone.fiocruz@gmail.com

Neste work abordaremos o papel das emoções na ensamblagem social dos medicamentos e dos processos técnicos empregados atualmente para controlar a epidemia de HIV/Aids. A análise se centrará sobre a PrEP? Profilaxia Pré-Exposição ao HIV?, um método de prevenção incorporado oficialmente no sistema público de saúde brasileiro em dezembro de 2017. Consiste em um tratamento à base de medicamentos antirretrovirais indicado para proteger pessoas soronegativas do HIV, particularmente aquelas pertencentes a grupos consideradas em situação de maior risco de infecção: gays/homens que fazem sexo com homens, travestis/mulheres transgêneros, trabalhadoras sexuais e membros de casais sorodiscordantes. Para descrever a construção da PrEP nos momentos prévios a seu lançamento e em sua posterior implementação nos serviços de saúde, recorreremos ao conceito de tecnologia da esperança. Ao usar essa noção, oriunda dos estudos sociais da ciência e tecnologia, referimo-nos a todos os procedimentos e artefatos biomédicos definidos por seus proponentes e usuários como recursos dotados de uma capacidade potencial de preservar ou prolongar a vida. Enquanto resultantes da atividade humana, essas produções tecnológicas possuem uma história, cuja reconstituição inclui processos sociotécnicos específicos e também as circunstâncias e os mecanismos por meio dos quais determinados públicos são capturados pelas promessas de suas virtudes terapêuticas. Ao estudar a PrEP consideramos as variadas expectativas que sustentam as narrativas científicas, governamentais, não-governamentais e outros enquadramentos dados pelos processos clínicos e



as políticas de saúde. Ademais, estivemos atentos à articulação dessas expectativas com as aspirações e desejos dos públicos constituídos por e em torno desses agenciamentos sociotécnicos. As esperanças investidas nesse método de prevenção estão atreladas ainda a outros sentimentos. Medos e preocupações acerca de suas implicações nos hábitos de vida e modos de gestão da sexualidade têm acompanhado, em diferentes escalas, a história da PrEP. O material empírico analisado compõe-se de entrevistas e registros de work de campo antropológico com gestores, profissionais, ativistas, usuários e não usuários no estado do Rio de Janeiro; além de um acervo documental com artigos científicos, diretrizes governamentais, notas técnicas, protocolos clínicos, material de divulgação, boletins produzidos por ONGs e textos da mídia e de assessorias de imprensa de órgãos públicos. Os achados permitem discutir como as emoções conformam os sentidos desse recurso biomédico e, ao mesmo tempo, entram no complexo jogo das negociações para a definição de ações no âmbito das respostas programáticas à epidemia de HIV/Aids.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: